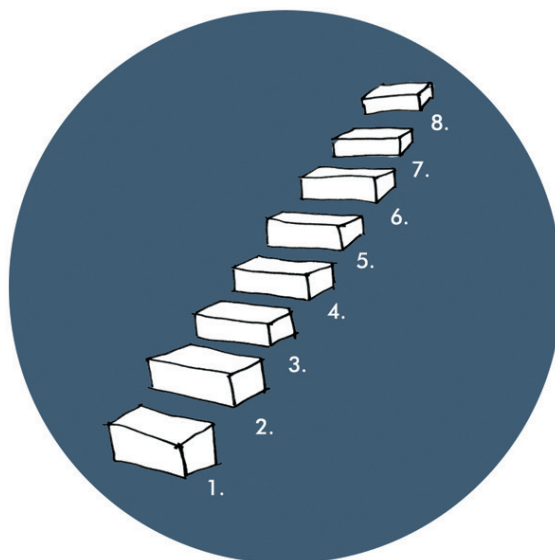


## ANEXO VI

### 8 ETAPAS DA METODOLOGIA DE PAULO FREIRE



III - Instrumento para a análise crítica e transformação

#### Nome do instrumento

### 8 ETAPAS DA METODOLOGIA DE PAULO FREIRE

#### DESCRIÇÃO

Com o levantamento de problemas já feito no grupo (com recurso a instrumentos de auscultação e diagnóstico) e depois de selecionado o problema a resolver em primeiro lugar, o passo seguinte, de acordo com a metodologia de Paulo Freire, não pode ser o avanço imediato para a ação. É necessário refletir e analisar profundamente o problema juntamente com o grupo. Importa “devolver o problema” ao grupo para se analisar a sua dimensão verdadeira, e que muitas vezes não conseguimos ver à superfície.

*E como “devolvemos este problema”, para que o grupo o analise e encontre uma solução?*

Paulo Freire desenvolveu uma metodologia com este objetivo, sistematizada em 8 etapas, através dos quais o/a facilitador/a guia a discussão no grupo:

1. Apresentação do código (*desafio/problema*)
2. Descrição
3. Primeira análise
4. Vida real
5. Consequências do problema
6. Causas do problema
7. Informação e levantamento de recursos (*do grupo/comunidade*)
8. Ação (*solução e planeamento*)

#### 1. APRESENTAÇÃO DO CÓDIGO (DESAFIO/PROBLEMA)

É a representação do problema (de um único problema) através de um código, igualmente designado como o “desafio/problema” ligado à situação experiencial de quem está envolvido no programa. O código pode ser: uma peça de teatro, uma imagem, fotografia, vídeo, música, conto, poema, etc. O código só representa o problema escolhido (e nunca a sua solução). Por isso, deve ser bastante simples, direto e claro, para que as pessoas possam descodificar o problema e identificá-lo.

O código não deve demorar mais que 3 minutos. O objetivo é que o grupo identifique o problema aí representado, e nunca poderá ser o/a facilitador/a deste processo a indicar o problema. A descoberta e identificação são sempre feitas pelo grupo, mesmo que o problema identificado seja diferente daquele que se tinha representado no código.

## 2. DESCRIÇÃO

Neste patamar o objetivo é deixar que o grupo descreva o que captou ao nível dos sentidos: o que viu, ouviu, sentiu... Pode-se perguntar: *O que viram na imagem? O que ouviram na representação? O que pensam que cada pessoa estava a fazer? O que pensam que cada pessoa estava a sentir?*

## 3. PRIMEIRA ANÁLISE

Começa-se por perguntar porque é que as pessoas estão a fazer o que fazem. *Porquê?* O grupo é desafiado a ir da observação, para o pensamento, mas neste patamar ainda lhes é fácil falar sobre o código. Aqui o objetivo é que as pessoas cheguem à nomeação do problema. A partir do momento que as pessoas indicam o nome do problema e este é claro para todo o grupo, poderá partir-se para a etapa seguinte (e retirar-se o código, se for esse o caso).

## 4. VIDA REAL

Quando o grupo estiver bem envolvido e for claro para todos o problema identificado, pode-se lançar uma nova questão: *Isto acontece na vida real ou na vossa situação?* Se se tiver identificado um tema gerador real e se este estiver bem representado no código, a resposta será geralmente “Todos os dias!” ou “A toda a hora!”.

É bom dar às pessoas a oportunidade de dar exemplos e descreverem algumas das situações reais, para enraizar a discussão na realidade. Histórias pessoais podem levar algum tempo, mas concentram energia para ação. Esta fase poderá ser feita em plenário ou em pequenos grupos de partilha. O objetivo desta fase é deixar a representação abstrata do problema e partirmos para a realidade. A partir daqui não se deve evocar mais o código mas apenas a realidade.

## 5. CONSEQUÊNCIAS DO PROBLEMA <sup>1</sup>

Geralmente, o código só mostra um dos sintomas de um problema mais profundo. O grupo move-se então, naturalmente, para outros problemas relacionados com o “sintoma” original representado no código. Por vezes o problema representado no código é tão central que temos que ajudar o grupo a manter-se focado nele e não dispersar para as consequências desse problema.

Nesta fase, o objetivo é encorajar a comunidade a perceber que um problema acarreta necessariamente outros problemas que afetam não apenas a própria pessoa mas também os grupos ou comunidade em que está inserida, bem como as instituições e a sociedade de que faz parte. Todos saem prejudicados.

## 6. CAUSAS DO PROBLEMA

Desafia-se o grupo a analisar o problema a um nível muito mais profundo, tal como um médico vai para além dos sintomas de uma doença para diagnosticar as causas: *Porquê? Porquê? Porquê?* Somente se identificarmos as causas chegaremos a uma solução. Na realidade, esta pergunta é a base da conscientização.

### *Análise estrutural: três tipos de dimensões da análise de um problema*

Nesta fase, o grupo terá que abordar sempre três tipos de causas diferentes (aquilo a que designamos análise estrutural de um problema):

- a) Causas económicas (subsistência/sobrevivência/relacionadas com as questões económicas);
- b) Causas sociais e culturais (relacionamentos/interações/valores e atitudes, comportamentos, etc.);
- c) Causas políticas (estruturas de poder político ou institucional, processos de tomada de decisão, poder, existência de normas, regulamentos, leis, etc.)

---

<sup>1</sup> Muitas vezes, referimo-nos às *consequências* do problema como *problemas relacionados*.

## 7. INFORMAÇÃO E LEVANTAMENTO DE RECURSOS (DO GRUPO/COMUNIDADE)

Nesta fase, o/a facilitador/a poderá introduzir algumas informações relevantes para o grupo e que este ainda não conheça. Estas informações poderão ser úteis para uma análise ainda mais profunda do problema ou para a planificação de uma futura ação. Tipos de informação: análise de uma perspetiva diferente do problema que não foi mencionada pela comunidade; dados acerca do mesmo problema vivido noutra comunidade; entre outros.

Alguns autores entendem que este ponto poderá ser usado para elevar o nível de confiança e otimismo do grupo, uma vez que os passos anteriores se debruçaram sobre a análise do problema. E esta análise pode ser, muitas vezes, dura ou «esmagadora». Por isso, nesta fase poderá convidar-se o grupo a elencar as características/competências positivas que possuem, bem como os recursos físicos que dispõem e que poderão ser usados na planificação de uma ação.

## 8. AÇÃO (SOLUÇÃO E PLANEAMENTO)

O último passo da discussão é orientado para ação. Nem todas as discussões acerca de todos os temas podem produzir planos para ação. Mas um grupo ficará frustrado se não houver uma conclusão que os leve um passo à frente na transformação das suas vidas.

Os elementos comuns a qualquer plano de ação são:

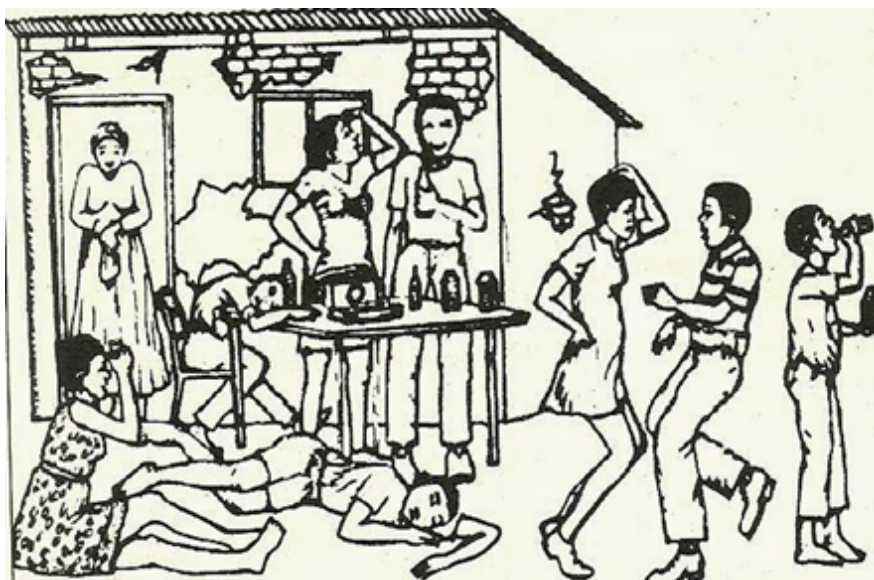
- a) **O quê?** – Identificar a ideia de solução e os objetivos que se pretendem atingir com a mesma (geral e específicos);
- b) **Para quê?** - Resultados que nos propomos atingir à medida que o projeto vai sendo executado, até ao final do mesmo;
- c) **Para quem?** - Qual o público-alvo a que nos dirigimos;
- d) **Como?** - Qual o plano de atividades que pretendemos desenvolver ao longo do tempo de vida do projeto e como é que estas se organizam ao longo do tempo (cronograma);
- e) **Com quem?** - Que recursos humanos precisamos para executar o projeto e cada um das suas atividades?
- f) **Com o quê?** - Que recursos materiais precisamos para executar o projeto e cada uma das atividades? - Que recursos financeiros necessitamos para assegurar a exequibilidade e sustentabilidade do projeto e das suas atividades? (implica desenvolver um orçamento detalhado)
- g) Que ferramentas e mecanismos vamos utilizar para **acompanhar e monitorizar** o projeto à medida que este é posto em prática?
- h) Como vou proceder à **avaliação** (intermédia e final) do projeto?

## COMO APLICAR

A discussão percorre as oito etapas sob a orientação do/a facilitador/a:

### 1. APRESENTAÇÃO DO CÓDIGO

O grupo é desafiado a olhar atentamente, e em silêncio, para a imagem que lhes é apresentada (em baixo). Pode colocar-se a imagem grande no centro da sala ou fixá-la numa parede ou quadro. Também se pode optar por distribuir várias cópias da imagem pelo grupo (deve ser a mesma imagem). O mais importante é que todos consigam ver a imagem e reparar nos seus pormenores.



### 2. DESCRIÇÃO DO CÓDIGO

Depois de todo o grupo ter observado a imagem com atenção, colocam-se as perguntas sugeridas anteriormente, uma de cada vez, dando tempo para poderem responder:

- O que viram nesta imagem?*
- O que é que as pessoas estão a fazer?* (explorar bem a imagem e o que cada pessoa está a fazer: o jovem deitado no chão e a rapariga sentada no chão, os jovens a dançar, os jovens a conversar, o jovem que adormeceu na mesa, o jovem que está de costas a beber, a senhora que olha para estes jovens à porta da casa)
- Como se sente cada uma delas? Que expressões têm (o seu corpo, face)?*
- O que é que a expressão/comportamento de cada pessoa vos diz? Como é que vos faz sentir?*

### 3. PRIMEIRA ANÁLISE

As perguntas continuam: *porque é que cada pessoa está a fazer o que se vê nesta imagem?*

- Porque acham que o jovem está deitado no chão?*
- O que faz aquela jovem rir sentada no chão?*
- Porque é que a senhora olha da porta da casa com aquela expressão?* (o/a facilitador/a vai sistematizando aquilo que os/as participantes partilham e vai pedindo mais opiniões)

À medida que esta primeira análise é feita, ainda superficial e sobre o que se vê na imagem, pergunta-se ao grupo: *Afinal, que problema vemos nesta imagem? O que é comum a todos estes/estas jovens?*

Quando alguém menciona o problema, muito concretamente, e isso é consensual para todo o grupo, pode escrever-se no quadro ou numa folha (e colocar na parede) o problema identificado, com as palavras que o grupo mencionar, por exemplo: alcoolismo, dependência do álcool, bebedeira.

De seguida, pode retirar-se a imagem (ou recolher a folha entregue aos participantes), enquanto se passa para a etapa seguinte.

Se alguém mencionar o problema muito cedo (antes da maioria das questões dos pontos 2 e 3), e se isso for óbvio para todo o grupo, não vale a pena continuar a insistir no código. Regista-se o problema, recolhe-se o código e segue-se em frente!

#### 4. VIDA REAL

Lança-se a pergunta ao grupo: *Isto acontece na vida real? Na vossa vida?*

Dá-se a oportunidade aos/às participantes de partilharem histórias sobre alcoolismo (histórias suas, de alguém que conheçam, da sua comunidade, que tenham ouvido falar), primeiro em pequenos grupos. Pede-se a cada grupo para, depois de cada pessoa partilhar uma história, selecionar aquela que mais significado teve para todos/as e que querem partilhar com os restantes. Depois disso, o/a porta-voz de cada grupo conta a história escolhida.

#### 5. CONSEQUÊNCIAS DO PROBLEMA

A partir das histórias partilhadas, desafia-se o grupo a ir mais fundo na sua reflexão: *quais são as consequências do alcoolismo na vida destes/as jovens? Isso afetará apenas a sua vida ou a de alguém mais? De quem? Como?*

À medida que o grupo vai identificando as consequências do problema em análise – o alcoolismo – vai percebendo que o problema afeta não apenas a própria pessoa (ou grupo) mas também os grupos a que pertence, a comunidade onde vive, a organização onde trabalha, tal como as instituições e a sociedade de que faz parte.

*[Este instrumento é muito longo, por isso pode dividir-se em várias sessões. Poderia parar-se por aqui e continuar noutra sessão].*

#### 6. CAUSAS DO PROBLEMA

O grande desafio nesta fase é estimular o grupo a aprofundar, ainda mais, a sua reflexão para ir à raiz do problema, perguntando:

- a) Porque é que este problema acontece? Porquê? Porquê? Porquê?
- b) Que fatores económicos, sociais, culturais, políticos estão a causar o problema do alcoolismo?

#### 7. INFORMAÇÃO E LEVANTAMENTO DE RECURSOS (DO GRUPO/COMUNIDADE)

Antes da sessão com o grupo, quem facilita deve investigar e informar-se sobre o tema do alcoolismo, tanto para preparar a sessão como para possibilitar a compreensão do problema em todas as suas dimensões. Depois da reflexão sobre as consequências e as causas do alcoolismo, já é possível perceber que tipo de informação adicional é importante introduzir na discussão, para que o grupo aprofunde a sua análise (ainda antes de avançar para a ação/solução). Por exemplo, pode ser interessante convidar alguém com formação na área da saúde, preferencialmente que trabalhe no Centro de Saúde ou Hospital daquela comunidade, para falar sobre as implicações do álcool no organismo.

Além disso, faz-se um exercício com o grupo em que este reconhece o seu potencial. *Apesar do problema do alcoolismo ser grave, vocês dispõem de muito do que é preciso para o solucionar.*

E pergunta-se ao grupo: *Que características e competências têm que são importantes colocar ao serviço da resolução deste problema? De que recursos físicos dispõe e podem usar na planificação da nossa ação? No fundo: O que é que nós temos que pode ajudar a solucionar o problema?*

#### 8. AÇÃO (SOLUÇÃO E PLANEAMENTO)

Agora que o grupo conhece bem o problema, o que o causa e quais são as suas consequências, assim como as suas características e os recursos de que dispõe, pode-se perguntar: *Por onde podem começar a solucionar este problema? Que causa é prioritária e que está ao nosso alcance solucionar?*

Deste modo, estimula-se o grupo a focar a sua ação em algo “possível, pequeno e progressivo” (3P’s) – é impossível solucionar todas as causas de um problema ao mesmo tempo!

Quando o grupo decidir por onde quer começar a solucionar o problema, desenvolve-se um plano de ação, acompanhando-o na sua execução, monitorização e avaliação. Um exemplar de plano de ação preenchido consta no Anexo VII.